

RESUMO DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Sandra Cordeiro Felismino

A RELAÇÃO INTELECTUAL-MASSA NA OBRA QUE FAZER?

A questão da relação intelectual-massa tem sido objeto de discussão desde os primeiros movimentos operários registrados pela história. Com Marx ela apareceu, a nosso ver, visível nos escritos dos anos 1845-1847 ou seja nas Teses sobre Feuerbach e no Manifesto Comunista. Na décima primeira tese ele chama atenção para o fato de que a teoria deve materializar-se em prática transformadora da realidade, deixando implícita a idéia da passagem necessária do pensamento à ação, enquanto no Manifesto, de forma explícita ele afirma que, inevitavelmente, "parte dos ideólogos burgueses ao chegar à compreensão teórica do movimento histórico passa-se para o prolétariado, levando consigo numerosos elementos de educação política". (p. 21). Em Lênin, como veremos, esta é uma questão candente, que está claro e tratada como minudência no seu livro *Que Fazer?*

Neste trabalho Lênin desenvolve, com bastante objetividade, a questão sobre o trabalho do intelectual junto à massa no movimento revolucionário. No fundo ele se propõe a demarcar com traços nítidos o papel e a função da teoria como instrumento e guia da práxis revolucionária. É nesta obra que, procurando dar maior ênfase a esta idéia ele afirma com veemência a tão famosa frase: "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário" (p.18).

Uma leitura apressada ou tendenciosa ou ainda, que não leve em consideração o contexto no qual o autor está inserido e sobre o qual está dirigindo às idéias contidas no livro, pode levar a superficiais análises e a precipitadas conclusões. É importante e necessário, portanto, nos atermos ao tom severo e crítico, através do qual Lênin expõe o seu pensamento ao dirigir-se aos interlocutores diretos, com os quais travava uma luta encarniçada. Eram eles os que Lênin denominava de revisionistas e oportunistas e ainda os que prestavam culto ao espontaneísmo os quais fizeram germinar e difundir a tendência do "economismo", voltado estritamente à luta sindical por pequenas reivindicações. Luta esta considerada, por Lênin, importante porém insuficiente para transformar-se, por si, numa verdadeira luta de classe do proletariado.

Como bem lembrou Florestan Fernandes na apresentação do livro, Lênin, ou melhor, o pensamento revolucionário estava exposto a todas as tensões de forças contrárias; a mais odiosa opressão e é nesse clima que ele escreveu por volta de 1902, o livro Que Fazer? É importante ressaltar que o conteúdo do mesmo trata com propriedade da articulação teoria e prática. Ao mesmo tempo em que é evidente o seu caráter teórico ela foi escrita para um endereço concreto, determinado: a prática de organização da revolução russa que culminou com sucesso em 1917.

A bem da verdade não poderíamos deixar de dizer que a princípio a leitura nos conduziu a pensar que o aspecto teórico da relação teoria-prática estaria sendo demasiadamente destacado o que nos levou a questionar a concepção leninista de intelectual, dada a evidente primazia do elemento consciente no movimento revolucionário com o dirigente e organizador da luta.

Ao afirmar: "a história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical". (p.24), e ainda, "a consciência social-democrata só podia chegar aos operários a partir de fora

(p.24), a nós pareceu, muito claramente, que Lênin estaria reafirmando a idéia de Kaustsky sobre a questão da importação da teoria socialista no movimento revolucionário. Porém tendo que levar em conta o contexto, em cujo bojo emergia o ativismo para se contrapor ao teoricismo e que arrastava com maior rapidez os simpatizantes da "democracia" sem revolução e ainda, no mesmo contexto, em que evidenciava-se o baixo nível de consciência da classe oprimida pelo regime czarista russo, é que, consideramos justificável e aceitável, para aquelas condições, o teor do livro Que Fazer? E assim, compreende-se o destaque que é dado ao papel do intelectual: "elemento que deve combater a espontaneidade, despertando o descontentamento político em todas as classes, sacudindo os adormecidos, estimulando os atrasados, desenvolvendo a consciência política e a atividade política do proletariado" (p.76).

Tendo a sua frente o crescente desenvolvimento da tendência do "economismo" ou seja da luta sindical - cujos objetivos, considerava demasiado estreitos, o que não significa dizer que ele não atribuía importância - Lênin se via diante da necessidade de enfatizar o papel da teoria e consequentemente do intelectual na elevação do nível de consciência do operariado, bem como de toda a classe oprimida pelo sistema social vigente àquela época na Rússia. E nesse sentido o livro é por demais didático, vai desde o estabelecimento dos conceitos sobre luta revolucionária até o explicitamento das tarefas políticas dos sociais-democratas os quais formariam um grupo pequeno, porém constituído de elementos "capazes, experimentados e profissionalmente instruídos por um longo aprendizado" (p.94), cuja tarefa seria a de organizar e dirigir a luta.

Segundo entendemos, para Lênin, este grupo dirigente deveria pertencer, no início do movimento revolucionário a outra classe social, serem até mesmo representantes instruídas das classes proprietárias, como foram "os fundadores do socialismo

científico contemporâneo, Marx e Engels, que per-tenciam, eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses" (p.25), entretanto, com o desenrolar do movimento, a partir do próprio trabalho do intelectual dirigente, a massa que desperta espontaneamente para a ação deverá fazer surgir um número cada vez maior de revolucionários de profissão. Ele destaca então que: "a primeira e imperiosa obrigação é contribuir para formar revolucionários operários que estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais em relação à sua atividade no Partido (p.101).

Contudo, para que isso se efetive, Lênin, atentamente, chama atenção para a relação entre intelectual-massa no sentido de que esta não redunde no rebaixamento do nível consciente ao nível simplório, mas muito pelo contrário, promova a elevação deste ao nível do intelectual. Dirigindo-se aos sociais-democratas, lembra que "é preciso que nos dediquemos principalmente a elevar os operários ao nível dos revolucionários e nunca devemos descer, nós próprios, ao nível da massa operária como desejam os economistas". (p.101). E, reafirmando as condições de realização deste trabalho diz que só será possível "se não induzirmos todos os operários, de todas as maneiras, a permanecer no mesmo lugar". (p.86).

Para finalizar faremos a seguinte ponderação:

Mesmo dando muita ênfase ao elemento consciente Lênin jamais se deixou trair pelo idealismo, não se impregnou da influência daqueles que pensavam em transformar o mundo pelo movimento das idéias em suas cabeças, sua trajetória político-ideológica foi consequente, pois fez da prática o local de teste de sua teoria, portanto consideramos admissível, as circunstâncias com as quais ele se depon-tou, a necessidade de destacar o aspecto teórico da relação teoria-prática. Como diz Vzaquez, a propósito da complexidade dessa relação, "algumas vezes se passa da prática a teoria e outras desta à prática". (p.233)

Por último gostaríamos de encerrar este trabalho recolocando duas questões que estão postas no movimento social e que requerem uma posição dos intelectuais. Dirijo-as aos partidos de esquerda do país, dada a recente responsabilidade que o momento presente está a impor, bem como à academia, local de questionamentos sobre a forma de vinculação do trabalho teórico com a práxis social concreta: vive-se aqui-agora a euforia pós-eleições municipais e a ansiedade pré-eleição presidencial em 89, porém para além desse imedialismo, qual deve ser na verdade o trabalho possível a ser desenvolvido junto a massa? Qual a postura dos intelectuais para que, concorrendo com as tarefas que lhes são peculiares, a sociedade brasileira possa percorrer o caminho que está sendo ora trilhado, rumo a construção de uma sociedade socialista?

BIBLIOGRAFIA

- LENIN, V.I. Que Fazer? - São Paulo, Hucitec, 1988.
- MARX, K. e ENGELS F. A Ideologia Alemã. São Paulo, Hucitec, 1986. Manifesto Comunista. São Paulo, Nova Stella Editorial, 1985.
- VAZQUEZ, Adolfo S. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.